**REFLEXÕES SOBRE SUBALTERNIDADE E COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS A PARTIR DO “SENHOR DO TREM”**

Luciana Lima da Mota SME-RJ/CEFET-RJ

Marco Aurélio da Conceição Correa SME-RJ/ProPed-UERJ

William Mathias Moreira SME-RJ/ProPed-UERJ

**Resumo**

O presente texto busca refletir sobre considerações sobre o colonialismo (FANON, 2008) e a possibilidade dos subalternos, através da oralidade, se emanciparem (SPIVAK, 2014). Através das tensões entre falar e ser escutado e a força da escrita em nossa sociedade encontramos em aspectos da cultura popular possibilidades de transgressões (hooks, 2013). A partir de exibições curta-metragem o *Senhor do trem* relatamos como crianças e adolescentes estudantes da rede pública do município do Rio de Janeiro discursam sobre ancestralidade, oralidade e musicalidade numa perspectiva contrária ao colonialismo. Notamos que experiências antirracistas em sala de aula como as apresentadas a partir do *Senhor do trem* nos permitem criar comunidades de aprendizagem (hooks, 2013) na escola onde os estudantes e suas vivências, experiências e impressões são os protagonistas de seus processos educacionais.

**Palavras Chaves:** oralidade; ancestralidade; comunidade; samba.

**Resumo Expandido**

Se a educação é um reflexo de nossa sociedade, nos dias de hoje, apesar do sistema colonialista ter sido superado, muitas de suas estruturas de poder continuam vigente em nossos cotidianos, sobretudo as escolas. Os cotidianos escolares muitas vezes são espaços de reprodução de poder, onde os privilegiados pelo sistema colonial mantêm suas esferas de influência. Apesar da extensão dessa subjugação, não devemos considerar todas as realidades como universalizantes ou essencialistas, nem todos os cotidianos se subjugaram por completo à coloniedade, mas a grande maioria deles não levaram em consideração o aprisionamento dessas antigas amarras.

**Pedagogia da pergunta e subalternidade**

Pode aquele que é subalterno e intelectual, ao mesmo tempo, falar? Cabe já um esclarecimento inicial sobre a pergunta acima: não é a ideia de um intelectual subalterno a colonialidade, mas pode aquele que sofre os efeitos da colonização em “outro lugar” e “se torna intelectual”, realmente falar? A colonização é algo que termina? Ou seja, ela é superada e pronto ou é um trabalho infinito e interminável? São perguntas cabíveis uma vez que Spivak (2014) visa pensar como desafiar os discursos hegemônicos e se é possível contestar esses discursos. Em uma forte crítica aos intelectuais ocidentais e a postura do intelectual pós-colonial, entende-se a categoria de subalterno como um grupo que não possui acesso ao poder e ainda assinala que, sendo o sujeito subalterno heterogêneo, a teoria até então de alguma forma o reduz.

Na verdade, a autora assinala que os entendidos como subalternos até falam, mas não há quem os escute. A escuta é algo essencialmente coletivo, por ser preciso no mínimo duas pessoas para qual relação aconteça. Quando estes que são os subalternos encontram-se em instâncias nas quais podem ser vistos como intelectuais, será que enfim podem ser ouvidos? Esse questionamento muito tem a ver com a trajetória dos autores desse artigo, como pessoas negras que já passaram por várias instâncias acadêmicas; muito incomoda a postura passiva de todos frente aos textos ou nas aulas. Se debate com medo de causar mal-estar, ainda mais se trazemos autores *outsiders* ou autores que, assim como Spivak fala em seu texto em relação aos subalternos, são agenciados para, aparentemente, parecerem aceitos.

Tal característica fica explícita na idealização da cultura popular e cotidiana dos subalternos, mas sobretudo na ideia de abrir a academia a tais pessoas sem abrir espaço realmente para suas ideias. Talvez no trabalho acadêmico formal e escrito pareça que haja esse espaço, um engano propiciado pelo fato do mesmo não ser de diálogo e o trabalho de alguma forma ainda ser muito individual. Está longe de, durante as aulas e encontros, haver exatamente o que os autores defendem no livro, uma vez que nesse silenciamento há a perpetuação de uma ideologia dominante que permite a esses intelectuais manterem suas posições na hierarquia sem se sentirem melindrados pela diferença.

Quando a decolonialidade chega através de conhecimentos advindos de outras linguagens, vivências e lugares no espaço do intelectual colonial ainda chega como marcas de resistência — nesse sentido, há mais relação entre as ideias decoloniais e a concretude das ações políticas e cotidianas do que se imagina. Esse aspecto forte é que possibilita o processo de mudança lento nos espaços ainda coloniais e não a abertura de espaço e “escuta” de cima para baixo, pois é “*fundamentalmente na ação das camadas populares, onde está a força política de uma ação*”, uma vez que essa ideologia está encarnada na ação cotidiana de seus atores.

**O senhor do trem**

O enredo do curta-metragem animado *O senhor do trem* (2022) nos apresenta Dandara, uma jovem que se acostumou a ouvir as histórias que sua avó contava, muitas vezes sobre a África antes da colonização, com reinos e povos prósperos, para além do processo de escravidão. A personagem perde sua avó para a violência que atinge a cidade do Rio de Janeiro e frequentemente a população negra. Enfrentando um doloroso processo de luto no qual relembra sua relação com a parente mais velha, Dandara começa a literalmente desaparecer, em metáfora, para a distância de sua ancestralidade ao não mais possuir o vínculo com sua avó. Ao andar pela cidade desesperada, durante uma viagem de trem ela encontra o grande Paulo da Portela e, fazendo o papel de um griô, o sambista explica que ela não está sozinha, confortando-a dizendo que ainda que não estejamos mais juntos fisicamente dos nossos ancestrais, há aspectos da nossa vivência que estão registrados eternamente na memória. Além disso, ao descer na estação de Oswaldo Cruz, Dandara é guiada por ele até a Velha Guarda da Portela e, a partir desse encontro com semelhantes, ela não se sente mais sozinha ao compreender que, diante da fragmentação da diáspora, nossa ancestralidade é coletiva.

A animação foi feita para homenagear os 50 anos da Velha Guarda da Portela, sendo realizado pela Produção Campo 4 e dirigido por Aída Queiroz e Cesar Coelho. A partir da exibição dele, trabalhamos em sala de aula os conceitos de ancestralidade, corporeidade, oralidade e musicalidade com estudantes periféricos da rede municipal do Rio de Janeiro relacionando aquilo que Azoilda Loretto da Trindade (2005) chama de “valores civilizatórios afro-brasileiros” na educação. A atividade aconteceu nos bairros de Inhoaíba e Maguinhos respectivamente nas escolas CIEP Engenheiro Wagner Gaspar Emery e EM Maria de Cerqueira com turmas em média formadas por 30 alunos em sua maioria negros, nos 1º, 3º e 4º anos. A ideia foi apresentar aos estudantes a ancestralidade africana em nossos cotidianos, sendo o samba uma expressão cultural bem enraizada disso, uma vez que podemos entender as escolas de samba como baobás ancestrais que mantém, através dos nossos griôs – a velha guarda –, a memória da nossa cultura. A figura do Paulo da Portela na narrativa simboliza essa responsabilidade de cuidar e perpetuar a história de um povo.

Enquanto exibíamos o filme, nos deparamos imediatamente com reações cativantes por parte dos alunos. Muitos se reconheceram imediatamente na protagonista que é uma menina negra, comentando sobre as semelhanças de colegas com ela. O ápice do curta, determinado pelo ritmo do samba, provocou uma animação contagiante; os estudantes não ficaram inertes em suas cadeiras e começaram a sambar. Após essa manifestação espontânea, conduzimos as crianças a uma roda de conversa para trocar ideias sobre o filme, onde expressaram seus pontos de vista, ressaltando a importância da musicalidade como elemento unificador entre as falas. Várias crianças demonstraram o interesse em assistir ao filme novamente, principalmente para apreciar as músicas mais uma vez e ficaram impressionadas ao descobrir que os personagens da Velha Guarda da Portela são pessoas reais conforme apresentado nos créditos. Posteriormente a essa interação, as crianças foram encorajadas a registrar no quadro uma nuvem de palavras que descrevem os elementos mais relevantes encontrados na narrativa do filme.

Esse exercício de escrita foi interessante para os alunos identificarem locais da cidade retratados na animação, bem como termos fundamentais para os estudos das relações étnico-raciais, como samba, Portela e África. Nesse contexto, o cinema pode agir como linguagem para aqueles que muitas vezes não foram ouvidos, ao contar histórias para um público que apenas teve acesso a uma versão dominante (ADICHIE, 2009). Na animação, a ancestralidade possibilita à personagem Dandara encontrar conforto e dar novo significado à sua jornada. Essa experiência foi especialmente marcante para os estudantes, que durante a roda de conversa demonstraram se identificar com ela fisicamente ou socialmente. Esperamos também que através do samba tenhamos mostrado que suas rodas representam uma forma alternativa de organização e resistência social, considerando que “a cultura afro-brasileira [...] sempre esteve comprometida com a libertação do povo negro” (NASCIMENTO, 2002, p. 202).

Nesse sentido, é importante fornecer meios para restaurar a história e ancestralidade da cultura afro-brasileira no imaginário, como forma de transformar subjetividades, sendo *O senhor do trem* uma maneira de preservar a memória da Velha Guarda da Portela e reinterpretar esses conhecimentos para as novas gerações.

**Considerações finais**

O subalterno só tem o direito de falar quando ele se organiza coletivamente em meios de tecer táticas que possam conquistar esse direito de fala. Freire em sua pedagogia do oprimido apontou que ninguém emancipa ninguém, não há de se esperar que os privilegiados pela colonialidade do poder cedam pacificamente seu poderio de decidir quem fala e quem escuta. A educação, apesar de estar atrelada, historicamente, a uma tradição de elevar o professor como único detentor do saber, nos dias de hoje encontra outros repertórios para criar uma nova geração disposta a gritar, falar por seus direitos.

É um desafio desenvolver salas de aula compromissadas com a aprendizagem coletiva, onde todos os estudantes participam e colaboram, sobretudo através de questionamentos, críticas e reflexões. Então é tarefa de professores, mas também de toda comunidade escolar se engajar para uma educação para que todas as vozes tenham direito. Hooks versa que “o aspecto empolgante de criar na sala de aula uma comunidade onde haja respeito pelas vozes individuais é que, o retorno é bem maior, pois os alunos se sentem, de fato, livres para falar – e responder. E é verdade: muitas vezes, esse retorno assume a forma de crítica” (2013, p. 60). Só com uma reflexão crítica e contributiva que escolas conseguirão transformar suas pedagogias para onde não apenas uma voz reine, é através da polifonia harmoniosa das diferenças que conseguiremos compor um ritmo onde todos tenham vez e voz.

**Referências**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única**.** The TED Talks Channel, YouTube. 2009. Acesso 06 maio. 2024.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017/1985. 8a edição.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Paz e terra, 17ª Ed. Rio de Janeiro, 1987.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo. 2ª ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: UFMG, 2014.